

RESUMO

O artigo analisa os elementos de aproximação entre o desencantamento do mundo de Max Weber, a atitude blasé descrita por Georg Simmel e o último homem de Nietzsche. Esses três autores alemães nascidos no século XIX fazem uma crítica à modernidade que aponta para a redução dos sentidos humanos. A valorização da ciência; a sociedade de massa e suas relações pautadas nas trocas comerciais; a desvalorização da experiência e da arte e o estímulo à acumulação, tanto de dinheiro quanto de erudição, sem um verdadeiro sentido, são elementos que contribuem para esse esvaziamento dos sentidos e da graça do viver.

Palavras-chave: Desencantamento do Mundo. Blasé. Último Homem. Calvinismo. Capitalismo. Sociedade de Massa.

ABSTRACT

The article analyzes the proximity elements between Max Weber's world disenchantment, the blasé attitude described by Georg Simmel and the last man by Nietzsche. These three German authors born in nineteenth-century criticize the modernity that points out to the reduction of the human senses. The science appreciation; mass society and its relationship based on commercial trades; the experience and art devaluation and accumulation encouraging of both money and erudition, without a true sense, are elements that contribute to this emptying of senses and living grace.

Keywords: The World Disenchantment. Blasé. Last Man. Calvinism. Capitalism.

*Socióloga, dedicada à pesquisa empírica com populações sobre consumo, opinião pública e indicadores socioeconômicos e educacionais.

**Mestre em Sociologia pela USP e doutorando em Ciências Sociais na PUC-SP. Professor de Filosofia, Sociologia, Antropologia e Metodologia da Pesquisa nos cursos de Direito da FMU e da UNIP. Analista de Pesquisa da Fundação Seade, São Paulo.

Introdução

Este artigo parte de uma tentativa de análise sobre a aproximação entre três autores alemães nascidos em meados do século XIX - Weber, Simmel e Nietzsche - tendo como elemento de aproximação a ideia que passa pelo desencantamento do mundo de Weber, a atitude blasé descrita por Simmel e o último homem de Nietzsche.

A dinâmica social sob a influência das ideias iluministas, o processo de unificação alemã, o desenvolvimento do capitalismo, o crescimento das cidades, as disputas políticas na Europa do século XIX compunham o contexto em que se desenvolveu a análise desses dois sociólogos (Weber e Simmel) e do filósofo Nietzsche.

Nesse contexto estavam as grandes conquistas humanas sobre a natureza, a segurança adquirida sobre o que antes eram incertezas, o domínio da técnica, a ciência como fiadora dos novos propósitos políticos e uma conveniente conciliação do elemento religioso com os ideais capitalistas de uma sociedade de massa e democrática.

Nesse momento, diante de tal florescimento material e científico, esses três autores vislumbraram elementos menos festivos, que apontavam para uma redução dos sentidos humanos.

Quanto mais capazes de pensar se tornam o olho e o ouvido, tanto mais se aproximam da fronteira em que se tornam insensíveis: o prazer é transferido para o cérebro, os próprios órgãos dos sentidos se tornam embotados e débeis, o simbólico toma cada vez mais o lugar daquilo que é – e assim chegamos à barbárie por esse caminho, tão seguramente quanto por qualquer outro. (NIETZSCHE, 2004, p. 146)

A expressão “último homem” é usada na obra Assim Falou Zaratustra, de Nietzsche, e no último capítulo da Ética Protestante: Ascese e Capitalismo, de Weber. Correspondente, em alguma medida, ao último homem, existe a atitude blasé de Simmel, que significa um

aplainamento dos sentimentos do homem da metrópole. São pensadores que nos dão um diagnóstico da modernidade.

1. Os últimos homens para Weber

No início do século XX, em plena sociedade liberal, Weber, no final da obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, ao tratar da ascese, cita o *especialista sem espírito e os gozadores sem coração*, caracterizando o último homem, numa referência à obra Assim Falou Zaratustra, de Nietzsche.

Para analisar a forma complexa como Weber constrói a sua ideia sobre o último homem, inspirado em Nietzsche, consultar a segura fonte de Gabriel Cohn pode facilitar. Ele esclarece as preferências e a filiação daquele sociólogo clássico, pontuando a subjetividade de sua obra (negritos não originais):

Weber está sempre mais preocupado com a discussão dos *meios* que dos *fins* (...) Pode-se, é claro, defender aqueles a quem se adere, e seguramente Weber tem os seus, pelos quais está disposto a combater, e que também informam a sua obra científica, como premissas metateóricas: a autonomia do **indivíduo**, a **razão**, a **liberdade**, a **verdade**, a **responsabilidade** e assim por diante. É em nome desses valores que ele assume uma postura crítica em relação ao seu tempo... (COHN, 1979, p. 102)

Cohn aponta que Weber é “uma espécie de Nietzsche tornado positivo” (p. 107) e que se inspira em Nietzsche mais do que em qualquer outro filósofo, embora não vá até as últimas consequências. Ele adota, de Nietzsche, a ideia de ‘desencantamento do mundo’, mas não o acompanha na ideia do ‘novo homem’ que sucede o desencantamento. Para Weber, o ‘novo homem’ de Nietzsche é utópico como a ‘nova sociedade’ de Marx. (p. 103)

Para construir sua crítica à modernidade, Weber pondera que o homem sempre buscou a riqueza (cobiça). Por essa análise, ele identifica a presença do capitalismo desde a Antiguidade, passando pela Idade Média: “existiu na China,

na Índia, na Babilônia, na Antiguidade e na Idade Média”. (WEBER, 2004, p. 45). No entanto, esse era um capitalismo ainda carente do verdadeiro “espírito do capitalismo”. Em espírito, o capitalismo vem se fazer sentir na modernidade contemporânea de Weber e de forma geograficamente restrita a duas regiões: Europa Ocidental e América do Norte.

Em seu início, esse espírito do capitalismo da modernidade teve a ver com a acumulação de capital como um fim em si mesma e fundada na mesma lógica do ascetismo religioso. É um impulso irracional, uma atração pelo dinheiro, sem ter como finalidade recompensa, satisfação de necessidades, a ostentação ou o descanso. “A posada lassidão do grão-senhor e a ostentação rastaquera do novo-rico são igualmente execráveis para a ascese.” (p. 149)

Por essa maneira de pensar, as virtudes devem ser desenvolvidas com um sentido de utilidade voltada à lógica de acumulação. E, nesse caso, mesmo a simples aparência da virtude já pode ser suficiente para o propósito da acumulação: “a honestidade é *útil* porque traz crédito (...) a *aparência* de honestidade faz o mesmo serviço”. (p. 45)

Segundo Weber, foi o protestantismo que criou as condições psicológicas para o florescimento desse espírito capitalista. Com o protestantismo desenvolveu-se uma ética baseada no valor da profissão, que é o elemento mais direta e amplamente voltado à finalidade da acumulação. E essa construção envolve os indivíduos independentemente de sua posição na sociedade, de forma geral. A ascese monástica foi substituída pelas profissões mundanas, entendidas estas como “o mais excelso conteúdo que a auto-realização moral é capaz de assumir.” (p. 72) Com essa transformação, a ascese medieval, transbordada dos limites dos mosteiros e da esfera dos monges, passou a abranger a vida cotidiana de todos os indivíduos, com grande poder de convencimento. Segundo Weber, o calvinismo possuía uma “eficácia psicológica absolutamente formidável”. (p. 116)

A partir desse envolvimento criado pelo calvinismo, a lógica capitalista se alastrou. Na análise de Weber, o espírito do capitalismo em

algum momento perdeu o impulso inicial de base religiosa e tornou-se independente. Restou como legado um estilo de vida dominante.

O puritano *queria* ser um profissional – nós *devemos* sê-lo. Pois a ascese, ao se transferir das celas dos mosteiros para a vida profissional, passou a dominar a moralidade intramundana e assim contribuiu [com sua parte] para edificar esse poderoso cosmos da ordem econômica moderna ligado aos pressupostos técnicos e econômicos da produção pela máquina, que hoje determina com pressão avassaladora o estilo de vida de todos os indivíduos que nascem dentro dessa engrenagem – *não* só os economicamente ativos... (p. 165)

Em comparação com o luteranismo, o calvinismo teria sido menos condescendente. Para aquele cabia o arrependimento e a penitência, postura mais compatível com uma ação impulsiva e uma vida sentimental ingênua. O luteranismo tinha menos a ver com os ideais de um protestantismo ascético, que seria o puritanismo genuíno, calvinista. (p. 115) Isso, para Weber, explica a diferença que via entre alemães e anglo-americanos:

[...] isso que nos alemães impressiona como ‘bom humor’ e ‘naturalidade’, em contraste com os anglo-americanos, que ainda hoje – até mesmo na fisionomia das pessoas – se acham sob o signo da anulação radical da espontaneidade do *status naturalis* (...) são antíteses de conduta de vida que decorrem [essencialmente mesmo] da *menor* impregnação da vida pela ascese no luteranismo quando comparado ao calvinismo. (p. 116 – conferir, suprimi o que estava entre colchetes)

Desde sempre, a ascese tem como meta “eliminar a espontaneidade do *gozo* impulsivo da vida” e está presente nas “regras do monasticismo católico tanto quanto nos princípios de conduta de vida dos calvinistas”. (p. 109)

Com o protestantismo ascético, a incômoda ideia tradicional de que o lucro só se realiza em detrimento do outro (o que remeteria, necessariamente, a uma crítica moral e religiosa ao espírito do capitalismo) foi mitigada por meio da valorização da vocação profissional.

É possível selecionar nessa análise de Weber pelo menos três elementos que se articulam na construção de um desencantamento do mundo, sempre relacionado à ideia de esvaziamento dos sentidos. Em todos fica nítida uma inspiração nietzschiana: a desaprovação do gozo da vida pela ascese; a desvalorização da arte em prol do conhecimento científico e a ulterior decadência da religião com o pleno desenvolvimento do capitalismo e da acumulação de riquezas.

Sobre o primeiro elemento que promove desencantamento e esvaziamento dos sentidos, a desaprovação ao gozo da vida, Weber trata o tempo todo quando analisa a ascese protestante: “a ascese se volta com força total principalmente contra uma coisa: o gozo *descontraído* da existência e do que ela tem a oferecer em alegria.” (p. 151-152)

Sobre o segundo elemento de desencantamento e esvaziamento dos sentidos, a desvalorização da arte, Weber aponta que os puritanos davam valor ao conhecimento científico e renegavam a produção artística, fazendo lembrar as críticas de Nietzsche à acumulação de conhecimentos de história e a insensibilidade para a arte. Weber toma como exemplo a Nova Inglaterra, nos Estados Unidos: “jamais, talvez, um país foi tão opulento em diplomados como a Nova Inglaterra da primeira geração. (...) Já totalmente outro é o quadro quando se põem os pés no terreno da literatura não científica e ainda mais no das belas-artes, dirigidas aos sentidos.” (p. 153)

Na análise de Weber, a pujança do conhecimento científico embota os sentidos e os sentimentos, reduz a dimensão humana e nutre uma arrogância cega, arrogância esta que parece lembrar o blasé de Simmel, analisado mais adiante. Weber afirma que “para os ‘últimos homens’ desse desenvolvimento cultural, bem poderiam tornar-se verdade as

palavras: ‘Especialistas sem espírito, gozadores sem coração: esse Nada imagina ter chegado a um grau de humanidade nunca antes alcançado’.” (p. 166) Este ponto talvez seja aquele em que Weber estanca sua análise crítica da modernidade, sem acompanhar Nietzsche na ideia do além do homem, conforme mencionado por Cohn.

O terceiro elemento de desencantamento e esvaziamento dos sentidos aponta para um arrefecimento da essência religiosa *pari passu* com a acumulação de riqueza. Faz lembrar a “morte de Deus” de Nietzsche. No início a acumulação teve inspiração religiosa, mas com o avanço do capitalismo esse apoio deixou de ser necessário. Ganhar dinheiro virou um esporte. O dever profissional não é mais um valor espiritual e o apelo do dinheiro foi mais forte que qualquer outra motivação: “esses ideais de vida puritanos fraquejaram diante da duríssima prova de resistência a que os submeteram as ‘tentações’ da riqueza”. (p. 158)

Na percepção de Weber, com uma menor inspiração religiosa têm lugar sentimentos e ações menos elevados, nada virtuosos:

Daí crescer neles [metodistas que se tornam laboriosos e frugais], na mesma proporção, o orgulho, a ira, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a arrogância na vida. Assim, embora permaneça a forma da religião, o espírito vai se desvanecendo pouco a pouco. Não haverá maneira de impedir essa decadência contínua da religião pura? (John Wesley apud WEBER, p. 160)

Na síntese de Cohn, “os puritanos buscavam indícios da salvação e viram-se convertidos em burgueses racionais e metódicos”. (p. 110)

Essa “arrogância na vida” assim como a racionalidade extremada são aspectos apontados por Weber que estão presentes também na análise de Simmel sobre o homem de negócios, o blasé que imagina poder comprar tudo com dinheiro e que vive isolado em uma sociedade marcada por relações impessoais, analisado em seguida.

2. O blasé de Simmel

Simmel analisa as grandes cidades da modernidade, onde ocorrem as trocas comerciais e o sentimento deixa de ser a motivação para as relações humanas, que passam a ser meramente contábeis. As trocas são feitas entre fregueses e fornecedores, no contexto de uma nova individualidade, anônima e indiferente. Nessa impessoalidade, em que o consumidor não conhece o produtor daquilo que consome, abre-se espaço a um egoísmo econômico. Simmel faz uma análise sociológica com inspiração econômica e situa sua crítica na cidade de Londres do século XIX e sua racionalidade: “Londres jamais foi considerada o coração da Inglaterra, mas sim, frequentemente, o seu entendimento, e sempre a sua bolsa!” (SIMMEL, 2013, p.315)

O habitante da grande cidade burguesa, exposto violentamente a múltiplos estímulos, torna-se indiferente, blasé. O conceito de caráter blasé de Simmel descreve um homem que esgarçou seus nervos. Ele se diferencia do homem do campo, o qual ainda possui individualidade preservada e conexões que Simmel chama de “relações de ânimo”, pautadas pelo sentimento: “Todas as relações de ânimo entre as pessoas fundamentam-se nas suas individualidades, enquanto as relações de entendimento contam os homens como números” (p. 314).

Esse é um destino incomplacente, que atinge todos os habitantes da cidade, independentemente de seu papel na atividade econômica. Assim também afirma Weber a respeito da ordem econômica capitalista avassaladora que determina um único estilo de vida. O caráter blasé, que “já se vê em toda criança da cidade grande, em comparação com as crianças de meios mais tranquilos e com menos variações” (p. 317), é reflexo da economia monetária, entendido o dinheiro como “o mais terrível nivelador” (p. 318) de todas as coisas.

Uma consequência curiosa dessa homogeneização descrita por Simmel é certa nostalgia e uma busca por diferenciação, que começam a surgir no habitante da cidade. Ele quer se destacar pela aparência, “o que conduz

finalmente às mais tendenciosas esquisitices, às extravagâncias específicas da cidade grande, como o exclusivismo, os caprichos”. (p. 325).

Ainda como manifestação dessa vida na cidade, Simmel também descrevia um dos elementos mais cotidianos da modernidade, facilmente reconhecível hoje, que se forja no capitalismo e o nutre: a criação contínua de novas necessidades para o consumo. Segundo Simmel, na cidade grande, a natureza enquanto provedora de alimento é substituída pelo mercado consumidor, que passa a ser a fonte (indireta) de abastecimento. É como se o fornecedor, para se alimentar, tivesse que caçar, criar ou cultivar o freguês, criando-lhe novas necessidades: “aquele que oferece precisa tratar de criar necessidades sempre novas e específicas naquele que corteja (...) a fim de encontrar uma fonte de ganho ainda não esgotada”. (p. 325)

Essa criação incessante de necessidades tem um providencial apoio naquilo que Nietzsche pontua como uma busca do homem moderno pelo conforto, pelo desejo de viver nos lugares mais fáceis de viver, no ar mais quente, apoiando-se no seu vizinho e que não suporta a solidão. O último homem busca o conforto, a segurança, o bem estar. O capitalismo está prontamente disposto a providenciar.

Para o *blasé* não há nada que pareça impagável, e, inversamente, quem acredita poder pagar tudo com dinheiro deve necessariamente tornar-se *blasé*. (SIMMEL, 2013a, p.19)

A questão monetária é central na análise de Simmel. A qualidade que o dinheiro possui de equiparar as coisas contribui para a redução da individualidade e a desvalorização tanto do objeto quanto do sujeito. O dinheiro passa a ser a única coisa de valor: “o fato de que na circulação de dinheiro uma pessoa tenha exatamente o mesmo valor que outra se baseia simplesmente em que ninguém, a não ser o dinheiro, possui valor.” (p. 22). Esta análise lembra o alerta de Weber sobre a acumulação vazia, sem finalidade outra que não a própria acumulação de dinheiro. Como pontua Leopoldo Waizbort em seu estudo sobre

Simmel (WAIZBORT, 2006, p. 139), a valorização do dinheiro é uma transformação de meios em fins.

Simmel aponta para o papel psicológico do dinheiro em substituição a deus na sociedade moderna, em mais uma intersecção com Weber, ambos com inspiração nitzscheana. Para Simmel, o condão de aplinar as diferenças ou as oposições que o dinheiro tem e com isto trazer paz e segurança é o mesmo papel que deus tinha anteriormente.

O tertium comparationis é o sentimento de calma e segurança que justamente a posse do dinheiro, em contraste com todas as outras posses, oferece, e que corresponde psicologicamente àquele sentimento que o devoto encontra em seu deus. (...) Exatamente como deus na forma de crença, o dinheiro é, na forma do concreto, a mais alta abstração à qual a razão prática se elevou. (Simmel, apud WAIZBORT, 2006, p. 145)

A dinâmica criada nas grandes cidades, com a intermediação do dinheiro nas relações, traz resultados ambíguos sobre a individualidade. O que por um lado aplaina todas as diferenças, por outro reforça o isolamento, um recolhimento à própria intimidade, o que distancia o indivíduo da sociedade e favorece o caráter blasé que Simmel aponta no habitante abastado da cidade grande.

A racionalidade das relações monetárias, que leva ao aplainamento dos sentimentos, ocorre num contexto objetivo, impessoal, de relações marcadas por um egoísmo calculista e modos agressivos:

Delicadeza, cortesia, bom-humor não se relacionam com a lógica do dinheiro. Aquele que faz negócios segue a lógica objetiva do negócio e é por isso que ele não compreende quando o acusam de 'frio', 'desalmado', 'sem coração' ou algo assim. (p. 172)

A democracia é reflexo dessa mesma racionalidade que privilegia a quantificação, a massificação, o aplainamento e nega a

individualidade. Além dessa racionalidade em que tudo se iguala, há um outro elemento que contribui para o esmaecimento dos sentidos na cidade grande: o excesso de estímulos nervosos e experiências de vida. Todos levam ao caráter blasé e o homem passa a evitar a experiência (veremos isto em Nietzsche, em seguida).

A 'intensificação da vida nervosa' é a contrapartida da fraqueza dos nervos: o habitante da cidade grande é 'cada vez mais sensível aos choques, confusões e desordens que nos atingem da proximidade e do contato mais imediatos com homens e coisas'. (...) Daí o 'medo de ser tocado', e para não ser tocado o moderno se recolhe no interior: seja na sua subjetividade, seja dentro de casa. (p. 326)

3. O último homem de Nietzsche

Para Nietzsche, o último homem é construído com a negativa da experiência própria; o apego à previsibilidade, à razão e ao trabalho e a criação de uma sociedade de massa que impede a individualidade. O último homem se furta aos sentidos e sentimentos em prol do que julga ser uma vida confortável. As reflexões de Weber e Simmel parecem encontrar em Nietzsche eco, apoio, inspiração, exemplo, pauta, letra e música, insubstituíveis.

Ao tratar da relação do homem com sua experiência de vida, Nietzsche, no conjunto de sua obra, faz um percurso da antiguidade à modernidade e avalia que já a partir do socratismo o homem vem expulsando todas as forças dionisíacas da desmesura, da desmedida, da embriaguez, que representam o imponderável, o não governável. Surgem no lugar a metafísica, a razão, a iluminação, a moralização e o controle da vida. Já com Platão, no mito da caverna, a escuridão aparece como algo a ser superado. Quando o homem abandona essas forças do imponderável, da embriaguez, começa a construir um mundo decadente.

Tratando da modernidade, há um momento em que o ocidente sente obstinada necessidade de moralizar e teorizar a vida. A experiência é gradativamente desvalorizada em prol de um além-mundo, inicialmente pelo

ascetismo religioso e depois pelo científico. Com o conhecimento dissociado da experiência, surge o último homem. Ele precisa inventar uma felicidade, uma vida ideal, expressa em paz, segurança e bem estar. O último homem é parcial, escolheu apenas um lado da existência: aquele que ele considera iluminado. Na obra *Assim Falou Zarathustra* Nietzsche faz menção ao último homem como aquele que quer viver nos lugares mais fáceis de viver, no ar mais quente, apoiando-se no seu vizinho e que não suporta a solidão: “Aproxima-se o tempo em que o homem já não lança a flecha de seu anseio por cima do homem, e em que a corda do seu arco desaprendeu a vibrar!” (NIETZSCHE, 2011, p. 18)

Este último homem nega a experiência incondicional, persegue unicamente o sucesso em seus empreendimentos, reprova imprevistos e contratemplos. Para ele, o ato de se lançar ao sonho, ao inesperado, só é válido se houver um retorno racional e materialmente positivo. Nietzsche, em oposição, apreciava o impulso, a pulsão, a entrega e a intensidade do presente, com boa disposição, considerando o imprevisível como próprio da vida, independente dos resultados e das condições de segurança e conforto.

Nietzsche gostava de citar uma frase atribuída a Zenão, retomada por Leopardi e também por Schopenhauer, que parece resumir sua geofilosofia: *‘naufragium feci: bene navigati’*. Esse adágio poderia ser traduzido livremente da seguinte maneira: naveguei bem, naufraguei. (...) O naufrágio faz parte estruturalmente dos riscos e dos prazeres do bom navegar. (FEITOSA, 2011, p. 148)

Essa questão da experiência em Nietzsche pode ser percebida na distinção que ele faz dos viajantes em cinco tipos, conforme o grau de envolvimento com a viagem:

[...] em *Humano, demasiado humano* Nietzsche diz que há cinco graus de viajantes: aqueles que querem mais ser vistos do que ver nas viagens, os que realmente vêem algo no mundo, os que vivenciam

alguma coisa em função do que é visto, os que incorporam e carregam consigo as vivências da viagem e, finalmente, os de maior força, aqueles que colocam as experiências incorporadas de novo para fora, através de ações e de obras, tão logo retornam à casa. (FEITOSA, 2006, p. 286-287)

Juntamente com a negativa da experiência vem a negativa dos valores. O último homem não tem mais valores e não se importa mais com a vida, embora ainda tenha motivação advinda do dinheiro. É o homem que Giorgio Agambem identifica com “o muçulmano”, que é o apelido que os nazistas davam aos judeus (ironia) da II Guerra que se encontravam numa condição de sobrevida, quase mortos, decaídos, com a pele quebradiça como se fosse uma folha de papel e nem resistiam mais a uma suposta ida à câmara de gás ou a qualquer outra coisa que lhes impingiam. Este é o último homem, assim também como o é um homem com uma gorda conta bancária que só tem motivação no dinheiro e no que lhe representa, em nada mais, conforme aponta Peter Pál Pelbart. (2008, p. 4-5)

A sobrevida é a vida humana reduzida a seu mínimo biológico, à sua nudez última, à vida sem forma, ao mero fato da vida (...) Mas engana-se quem vê vida nua apenas na figura extrema do dito ‘muçulmano’ concentracionário, ou nos refugiados de Ruanda (...) A condição de sobrevivente (...) não se restringe aos regimes totalitários, e inclui plenamente a democracia ocidental, a sociedade de consumo, o hedonismo de massa, a medicalização da existência, em suma, a abordagem biológica da vida numa escala ampliada, mesmo quando promovida num contexto de luxo e sofisticação biotecnológica.

A negativa da experiência em sentido amplo apontada por Nietzsche vem acompanhada da valorização da razão. Nietzsche influenciou em Weber e Simmel a análise do homem moderno como o homem da

ciência e da técnica. Para Nietzsche, esse homem moderno estuda e não vive a história, não faz a história atual, não é sujeito, apenas persegue uma objetividade. O homem...

[...] tornou-se um ‘um viciado em história’ e não sente mais prazer com aquilo que antes lhe dava prazer, a escrita- leitura da historiografia. O viciado em história é o ‘intelectual moderno’, o ‘homem culto’, que leu todos os textos sobre o passado, que conhece todos os documentos, fatos e escreve e fala sobre eles compulsivamente. (...) a objetividade histórica não pode trazer nem a verdade nem a justiça. (...) Não se interessar por nada é a ‘objetividade’. Ora, protesta Nietzsche, para que dedicar anos de trabalho árduo a essa ‘vontade de nada’? (REIS, 2013, p.173-5)

O último homem é assim nomeado por se considerar último em termos de evolução. Arroga-se ser o último, a palavra final, como sugeria Comte, em sua teoria dos três estados: estado teológico, estado metafísico e, finalmente, estado positivo, o definitivo, em que o espírito humano atinge sua máxima evolução, sendo, portanto, o último.

Retomando mais uma vez a filosofia clássica, Nietzsche adota como referência o homem grego do período arcaico, a antiguidade mais remota. O jovem Nietzsche, quando ainda estudava história, fixa-se na passagem do período pré-homérico, classificado como brutal e intenso, para o período homérico, glorioso e nobre, em que há a invenção do mundo intermediário do mito, dos deuses e da beleza. Neste mundo intermediário o homem aproxima as forças apolíneas das dionisíacas, numa capacidade de transformar um mundo brutal e violento em um mundo artístico.

Em outras palavras, a sucumbência do homem grego era previsível em razão de sua entrega à dor e ao sofrimento da existência. A superação veio com a criação do Olimpo, que, na imagem de Nietzsche, é retratado “como rosas irrompem de um arbusto espinhoso” (NIETZSCHE, 1974, p. 15). Esse movimento inspira em Nietzsche a ideia de que é necessário o processo de abandonar crenças, havendo,

porém, nisto o perigo do apego a novas crenças. Trazendo essa mesma análise para a modernidade, em ponto semelhante inscreve-se a emergência da razão positiva como uma nova crença em substituição à crença em Deus.

Nietzsche aponta que quando a filosofia ocidental surge com Tales de Mileto e a formulação do conceito “tudo é água”, a força propulsora não foi a razão. A intuição, um pensar filosófico similar ao artístico e a degustação foram os elementos que deram asas a Tales de Mileto, esse sábio que, apesar de ter se utilizado da ciência, foi além.

Tales é um mestre criador que, sem fabulação fantástica, começou a ver a natureza em suas profundezas. Se para isso serviu-se da ciência e do demonstrável, mas logo saltou além deles, isso é igualmente um caráter típico da cabeça filosófica. A palavra grega que designa o ‘sábio’ prende-se etimologicamente a *sapio*, eu saboreio, *sapiens*, o degustador, *sisyphos*, o homem do gosto mais apurado... (NIETZSCHE, 1973, p. 18)

Com o socratismo surge uma vontade de verdade, uma moralização da vida. Era um iluminismo já presente em Sócrates, uma racionalização da natureza, em que a felicidade passa a ser igual à soma da moral com a razão, segundo Nietzsche.

Essa racionalização da natureza se desfaz do que considera uma atitude imprudente e inútil, perde em refinamento, atira-se ao conhecimento de tudo e transforma a natureza em algo sem vida. Aquela água de Tales de Mileto transformou-se por essa ação do homem da ciência. Como aponta José Carlos Bruni em seu texto *A Água e a Vida*, tornou-se uma coisa morta:

Desde fins do século XVIII, a água deixou, para a nossa cultura, de ser um elemento, uma substância primordial, qualitativamente diferenciada, para tornar-se H₂O, ou seja, ‘corpo incolor, inodoro, insípido, líquido à temperatura ordinária, resultante da combinação de um volume de oxigênio e dois de hidrogênio e capaz de refratar a luz e dissolver muitos outros corpos’,

conforme a definição da *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*. Depois que a água tornou-se objeto da razão científica, passou a ser um corpo entre os outros, muito importante, é certo, mas sem alma, sem sentido, uma coisa morta. (BRUNI, 1993, p.57)

O último homem de Nietzsche nasce com essa racionalidade, a ilustração, o Iluminismo; sucede a metafísica e a crença em um Deus. O último homem surge com a “morte de Deus”.

O último homem é aquele que, ao substituir Deus, permanece na reatividade, na ausência de sentido e valor, de anseio e criação, e que prefere, conforme o comentário de Deleuze, um nada de vontade a uma vontade de nada – por isso se entrega à extinção passiva. (PELBART, 2006, p. 224)

O homem nega sua natureza e essência. A modernidade traz aceleração, dedicação ao trabalho e erudição, tudo em descompasso com os impulsos humanos genuínos. “A cultura moderna constitui-se como negação da verdadeira cultura, em primeiro lugar por instituir um tempo acelerado e agitado, oposto a qualquer forma de tranqüilidade.” (BRUNI, 2002) A cultura se transveste em acumulação vazia de conhecimento, atende a um chamado próprio da modernidade, mas deixa de ter significado real. “Eles possuem algo de que se orgulham. Como chamam mesmo o que os faz orgulhosos? Chamam de cultura, é o que os distingue dos pastores de cabras.” (NIETZSCHE, 2011, p.17)

Nietzsche dedicou muitas linhas para descrever os efeitos dessa erudição vazia que se apoia no conhecimento da história e esmaece os instintos e a ação no mundo externo. Essa reflexão lembra o caráter blasé do homem da cidade grande autorreferenciado em sua individualidade e isolado da sociedade, descrito por Simmel. A fome de conhecimento gera uma sobrecarga difícil de suportar:

O homem moderno acaba por ter o estômago carregado de uma massa enorme de conhecimentos indigestos (...) O saber com o qual ele se empanturra, frequentemente

sem fome, às vezes mesmo sem necessidade, não age mais como uma força transformadora orientada para fora, fica dissimulado numa certa interioridade caótica... (NIETZSCHE, 2005, p. 100)

A acumulação sem sentido de conhecimentos históricos leva a um comportamento rude, à barbárie, a uma personalidade fraca, insensível. As próprias palavras de Nietzsche são insubstituíveis:

Europeu presunçoso do século XIX, tu perdeste a cabeça! Teu saber não completa a natureza, antes ele de fato mata a tua natureza específica. Compara a tua grandeza como homem de ciência à tua pequenez como homem de ação. É verdade que tu sobes ao céu com os luminosos raios do teu saber, mas também desces ao caos pelo mesmo caminho. Tua maneira de progredir, quer dizer, a escalada científica é a tua fatalidade; a terra firme se dissipa numa névoa incerta diante da tua visão; a tua vida não encontra mais pontos de apoio, a não ser nas teias de aranha que se rasgam a cada novo progresso do teu pensamento. (p. 151)

Em sintonia com a racionalidade extremada e os ideais de bem estar e segurança do último homem, o trabalho adquire importância e protagonismo. O sacrifício laborioso representa um mérito e a preguiça, um pecado. Para Nietzsche, os homens ativos são todos escravos, independentemente de condição econômica e posição social.

Os homens ativos rolam como pedra, conforme a estupidez da mecânica. – Todos os homens se dividem, em todos os tempos e também hoje, em escravos e livres; pois aquele que não tem dois terços do dia para si é escravo, não importa o que seja: estadista, comerciante, funcionário ou erudito. (NIETZSCHE, 2004, p.191)

O trecho seguinte de Nietzsche é longo mas é também insubstituível para explicar

como se forja o esvaziamento dos sentidos e da alegria na pressa e na agitação do trabalho.

Lazer e ócio – Há uma selvageria pele-vermelha, própria do sangue indígena, no modo como os americanos buscam o ouro: e a asfíxiante pressa com que trabalham – o vício peculiar ao Novo Mundo – já contamina a velha Europa, tornando-a selvagem e sobre ela espelhando uma singular ausência de espírito. As pessoas já se envergonham do descanso; a reflexão demorada quase produz remorso. Pensam com o relógio na mão enquanto almoçam, tendo os olhos voltados para os boletins da bolsa – vivem como alguém que a todo instante poderia 'perder algo'. 'Melhor fazer qualquer coisa do que nada' - este princípio é também uma corda, boa para liquidar toda cultura e gosto superior. Assim como todas as formas sucumbem visivelmente à pressa dos que trabalham, o próprio sentido da forma, o ouvido e o olho para a melodia dos movimentos também sucumbem. A prova disso está na *rude clareza* agora exigida em todas as situações em que as pessoas querem ser honestas umas com as outras, no trato com amigos, mulheres, parentes, crianças, professores, alunos, líderes e príncipes – elas não têm tempo e energia para as cerimônias, para os rodeios da cortesia, para o *esprit* na conversa e para qualquer *otium* [ócio], afinal. Pois viver continuamente à caça de ganhos obriga a despendar o espírito até à exaustão, sempre fingindo, fraudando, antecipando-se aos outros: a autêntica virtude, agora, é fazer algo em menos tempo que os demais. Assim, são raras as horas em que a retidão é *permitida*; nessas, porém, a pessoa está cansada e gostaria não apenas de se 'deixar ficar', mas de se *estender* desajeitadamente ao comprido (...). Se ainda há prazer com a sociedade e as artes, é o prazer que arranjam para si os escravos exaustos de trabalho. Que lástima essa modesta 'alegria' de nossa gente culta e inculta! Que lástima essa desconfiança crescente de toda

alegria! Cada vez mais o *trabalho* tem a seu lado a boa consciência: a inclinação à alegria já chama a si mesma de 'necessidade de descanso' e começa a ter vergonha de si. 'Fazemos isto por nossa saúde' – é o que dizem as pessoas, quando são flagradas numa excursão ao campo. Sim, logo poderíamos chegar ao ponto de não mais ceder ao pendor à vida contemplativa (ou seja, a passeios com pensamentos e amigos) sem autodesprezo e má consciência. – Ora, antes era o inverso: o trabalho sofria de má consciência. Alguém de boa família *escondia* seu trabalho, quando a necessidade o fazia trabalhar. O escravo trabalha oprimido pela sensação de fazer algo desprezível: o próprio 'fazer' era desprezível. 'A nobreza e a honra estão apenas no *otium* e no *bellum* [na guerra]': assim falava a voz do preconceito antigo (NIETZSCHE, 2002, p.218-9).

O último homem de Nietzsche tem comportamento de rebanho, vive no coletivo, nega a individualidade. Busca previsibilidade e tem ideais de sociedade identificados com a democracia, entendida esta como sociedade de massa que contextualiza uma existência individual amorfa, pequena e sem graça.

A figura do *último homem* é o signo e a alegoria daquela visão espectral, em que a humanidade perde toda dimensão de grandeza e singularidade, para condenar-se à mediocridade anônima do rebanho uniforme de anões hedonistas, autocomplacentes na fruição infinita de anódinos prazeres iguais para todos" (GIACÓIA, 2005, p.150)

Na tentativa de cumprir a proposta de análise, esses são alguns apontamentos sobre o último homem de Nietzsche, o homem de massa, indiferenciado, e que tem os sentidos embotados. Esses apontamentos deixam um sentimento de vazio (ou pior). Porém, é o próprio Nietzsche quem entrevê um novo caminho para a razão, rompendo com esse vazio: "Nossa tarefa grandiosa consiste em preparar a terra para receber uma planta da

maior e mais formosa fecundidade – uma tarefa da razão para a razão!" (NIETZSCHE, apud BRUNI, 2002). Conforme mencionado, a análise de Nietzsche vai além do último homem. Para ele a cultura ocidental tem dois caminhos – o último homem, do culto à história, e o além do homem, que é o homem

transformador de si próprio, que tem um porvir luminoso, poético, que passa por três transmutações: camelo, leão e criança. Este artigo reuniu alguns apontamentos sobre um desses caminhos, o menos alegre, que é o último homem.

REFERÊNCIAS

BRUNI, José Carlos. A água e a vida. In: **Tempo Social**, Rev. Sociologia USP. São Paulo, 5 (1-2), p. 53-65, 1993.

_____. O tempo da cultura em Nietzsche. In: Tempo e Cultura (Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Ano 54, nº 2 (out., nov., dez., São Paulo, 2002). Disponível no site: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252002000200026&script=sci_arttext

COHN, Gabriel. **Crítica e resignação**: fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

FEITOSA, Charles. Filosofia e geografia em Nietzsche. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de. et al (orgs). **Nietzsche e as ciências**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

_____. Travessias do niilismo. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel de; PINHEIRO, Paulo (orgs). **A educação do filósofo através das viagens**. Assim falou Nietzsche V, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

GIACÓIA JR., Oswaldo. Algumas notas sobre “A Grande Política”. In: AZEREDO, Vânia Dutra de. (org.). **Falando de Nietzsche**. Ijuí: Ed.: Unijuí, 2005. (Coleção Nietzsche em perspectiva).

NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zarathustra**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

_____. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Cia Letras, 2002.

_____. II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. In: **Escritos sobre História**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

_____. Humano, demasiado humano. **Um livro para espíritos livres**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música. In: LEBRUN, Gérard. (org.). **Friedrich Nietzsche**. Obras Incompletas. Col. Os Pensadores, 1ª ed., São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. Crítica moderna 2. In: SOUZA, José Cavalcanti de. (org.). **Os pré-socráticos**. Col. Os Pensadores, 1ª ed., São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.16-18.

PELBART, Peter Pál. **Vida e morte em contexto de dominação biopolítica**. Instituto de estudos avançados da Universidade de São Paulo – USP – Conferência proferida no dia 3 de outubro de 2008 no Ciclo “O Fundamentalismo Contemporâneo em Questão”, organizado pelo Instituto de

Estudos Avançados (IEA) da USP. Disponível no site:
<http://www.iea.usp.br/iea/textos/pelbartdominaçãobiopolitica.pdf>

_____. Travessias do niilismo. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel de; PINHEIRO, Paulo (orgs). **Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação**. Assim falou Nietzsche V, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

REIS, Jose Carlos. **História da ‘consciência histórica’ ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In: BOTELHO, André (org.). **Essencial Sociologia**. São Paulo: Penguin Classics/Cia das Letras, 2013

_____. Para a psicologia do dinheiro. In: **O conflito da cultura moderna e outros ensaios**. São Paulo: Editora Senac, 2013a.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.